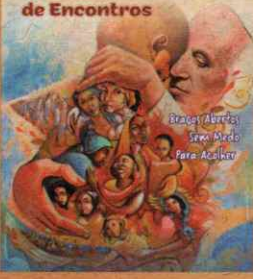


33ª SEMANA DO MIGRANTE

A Vida é feita de Encontros



Publicação do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes – jul/18 a dez/18

"Eu sou porque tu és"



MISERICÓRDIA

CHIDKUBIRI 16



# SUMÁRIO

**EDITORIAL - P. 02**

**SEÇÃO BÍBLIA - P. 03**

Vida em primeiro lugar

**HISTÓRIAS DE VIDA - P. 04**

Duas mulheres em busca do mesmo sonho: o recomeço

**REFLEXÃO - P. 06**

Considerações sobre as migrações na Pan-Amazônia

**VARAL DO MIGRANTE - P. 08**

Atividades das equipes locais

**FIQUE POR DENTRO - P. 10**

Mídia e fake news

A nova lei de migração - breves comentários

**CULTURA E ARTE - P. 14**

Faz de conta

Aconteceu

**BALAIÓ - P. 16**



**Publicação semestral do SPM –  
Serviço Pastoral dos Migrantes**

Rua Caiambé, 126 - Ipiranga  
Cep 04264-060 São Paulo-SP

Fone: (11) 2063-7064

e-mail: spm.nac@terra.com.br ou  
secretaria.spm.nac@terra.com.br

O SPM é um organismo ligado à  
Comissão 8 da CNBB. Tem como  
Objetivo central articular e dinamizar  
a Pastoral dos Migrantes em âmbito  
Nacional.

**Assinaturas:**

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito através de  
cheque ao Serviço Pastoral dos  
Migrantes ou depositar na  
Conta corrente 12702-9  
Agência 0644 - Banco Itaú  
ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

**Conselho Editorial**

Ana Valim; Ana Carolina G. Leite;  
Ari José Alberti; Cleia de Fátima Silva;  
Cristóvão Almeida; Daniel Gorte Dalmoro;  
Jairo Moura Costa; José Carlos Pereira;  
José Roberval Freire; Maria de Lourdes  
Bernartt; Mario Jeremia; Miguel Angel  
Ahumada; Patrícia Rivarola; Roberto  
Saraiva; Teresa Paris B. Holanda;  
Veridiana Franca Vieira.

**Arte da Capa:**

©Chidi Kwubiri ("Eu sou porque tu és")  
- O Pano de Quaresma 2017/2018  
da MISEREOR

**Criação, diagramação e impressão:**

Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262

Tiragem: 1000 exemplares

**ONDE SE INFORMAR:**

<https://spmigrantes.wordpress.com/>  
<http://spminforma.blogspot.com.br/>  
Programa Latinoamerica no Ar Radio  
9 de Julho 1600 Khz . Am  
Domingo 18:30 hrs com Patricia  
Rivarola e Miguel Ahumada  
<http://www.radio9dejulho.com.br/>  
Acesse a Rádio migrantes español :  
<http://radiomigrantes-es.net>

## Editorial

**E**stamos chegando ao final de mais um ano e teremos que fazer muitas mudanças para alcançar nossos objetivos do ano que vem. Porém, ainda resta navegar até a margem do rio deste ano. Lembramos das casas dos migrantes que foram abertas, das casas que foram ampliadas para acolher, do ciclo migratório venezuelano, da interiorização de imigrantes para os diversos Estados. Lembramos das eleições, com embates dentro e fora das famílias, dentro e fora dos diversos espaços de debate, e tantos temas geradores. E de um eleito a presidente, com um discurso xenófobo, misógino e racista. Isto exige de nós, uma práxis cada vez mais cristã e voltada para a promoção dos direitos humanos.

A realidade da migração no Brasil, por sua vez, não difere do que ocorre no mundo. Porém, como diz o Pe. Alfredo Gonçalves, nossa luta é difícil e exige tenacidade dos missionários e missionárias da Igreja. Despertar a sociedade para ver que os migrantes são oportunidades e não inimigos é também nossa missão. O Papa Francisco convida à acolhida generosa, à proteção, promoção e integração dos migrantes, refugiados e refugiadas. O encontro do Papa com os migrantes em Lampedusa (Itália)

significa um convite à toda a Igreja para que saia de seus templos, paróquias, e façam a verdadeira evangelização: recriar a Casa Comum, sem muros!

Segundo, ainda o Pe. Alfredo Gonçalves, nestes tempos, sejamos semeadores, para que a colheita seja agroecológica, de qualidade "não-transgênica" e possamos romper as barreiras que nos separam. É propor a sociedade do Bem Viver em resposta a essa conjuntura que promove a dor e a morte, ódios e divisões.

No México, O 8º Fórum Social Mundial das Migrações, nos fez refletir sobre as cidades santuários, como espaço de defesa dos direitos dos migrantes. E as 3 Caravanas na América Central em direção ao E.U.A são indicadores de que os migrantes rejeitam os governos impostos pela América do Norte e suas políticas neoliberais que empobrecem seus povos. O povo mexicano soube demonstrar solidariedade com as Caravanas, encorajando-as a seguirem adiante na missão de transpor o Muro.

Assim, em todo o mundo, pessoas migrantes e refugiadas lutam para ampliar a democracia, igualdade econômica, fortalecer a solidariedade, dignidade e direitos aos excluídos, diálogo entre culturas e religiões, defesa da Mãe Terra!!



## VIDA EM PRIMEIRO LUGAR

TONINHO EVANGELISTA - CÁRITAS BRASILEIRA REGIONAL SÃO PAULO

“E eles tomaram o menino e partiram” (Mt 2,14, adapt.)



3 anos do maior crime ambiental da história do Brasil, o desastre em Mariana – MG.  
Foto: <https://falauiversidades.com.br/desastre-de-mariana-consequencias/>

Com a festa de Cristo Rei do Universo, finalizamos o Ano Litúrgico e, ao iniciar um novo ciclo, nos deparamos com as alegrias daquele que vem, o Príncipe da Paz, que é Caminho, Verdade e Vida. Nele, renovamos nossa esperança para cuidar da sua vida, que permanece em nós. Contudo, o cuidado, assim como a liberdade, exige vigilância, pois o sofrimento e as preocupações rotineiras, que muitas vezes nos aprisionam e controlam, estimulam muitos a retirar o amor do cotidiano e da vida. A família de Nazaré, diante do medo e da certeza de que a esperança estava sendo gestada, se colocou a caminho, em saída – e assim garantiu ao mundo um eterno amanhã.

Diante dos medos anunciados e criados pela ação e pelo comportamento humano, que normalmente são modelados pela dinâmica do poder, da fama e do dinheiro (eternas tentações), e para permanecer com a perspectiva da esperança, a família de Nazaré se manteve no caminho – e nele, o Salvador nasceu. O filho do carpinteiro, que fugiu da periferia, nasceu em outra periferia, e acabou só aquecido pelo amor e pela natureza. Deus permitiu que seu filho recebesse cuidados humanos para permanecer vivo. Ele, assim como qualquer humano, nasceu totalmente dependente do cuidado do outro.

A Igreja, sucessora do Cristo hoje, se mostra atenta aos apelos ouvidos em campos e cidades, ruas, estradas

e fronteiras. E observando a ausência de responsabilidade social em relação à vida – nas diferentes formas em que ela se manifesta em nosso meio –, passou a sistematizar as preocupações e conchamar a sociedade para assegurar a vida. Isso principalmente para levar ao cuidado com o planeta, nossa Casa Comum, considerando que, sem ele, a vida humana, animal e vegetal será prejudicada.

Por intermédio dos três últimos papas temos a palavra “cuidado” reafirmada na Doutrina Social da Igreja (DSI), destacando as questões ambientais e sociais. Na mais recente obra dessa coletânea, *Laudato si'*, Francisco posiciona a Igreja para fazer o embate, indicar em que lugar ela deve estar para cumprir a finalidade de defensora do Evangelho. Com esse posicionamento, o pilar da Igreja Católica nos provoca a um olhar por inteiro à mensagem evangélica, principalmente quando nos pergunta sobre o tipo de mundo que queremos deixar a quem vai nos suceder, às crianças que estão a crescer.

Ao nos interrogar por meio da *Laudato si'*, o papa nos provoca “dores de entranhas”, reafirmando a responsabilidade da sociedade e principalmente dos cristãos em cuidar da Casa Comum. Seu questionamento não se limita ao meio ambiente de forma isolada, já nos alertando que a questão não pode ser pensada de forma fragmentada. Ele nos indaga sobre o sentido da existência humana e dos valores da vida social.

A partir desse caminho, o pontífice nos convoca a fazer uma autocrítica sobre o motivo de trabalharmos, lutarmos e, principalmente, sobre o que a Terra demanda de nós. Se eu não sinto o “sangue” que pulsa em mim, que é o mesmo que pulsa na terra, em vão seriam minhas preocupações ecológicas.

Quando sentimos o pulsante coração

da terra em sintonia com o coração humano, que por sua vez bate em sintonia com o outro, estaremos atuando para o bem comum e consequentemente nos defendendo e nos protegendo mutuamente. Portanto, o exercício social e a defesa da vida passam pelo equilíbrio do planeta – “O mundo ainda espera a ação dos filhos de Deus (Rm 8,19)” e nisso se assemelha ao órfão, à viúva e ao estrangeiro, que muitas vezes deixamos à míngua por não integrarmos um suposto processo produtivo. Logo, defender a vida significa assegurá-la e respeitá-la em todas as dimensões. Para isso, necessitamos do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, com os preceitos de solidariedade e subsidiariedade, para permanecermos em nossa missão de construtores do Reino.

A natureza maltratada e saqueada pede socorro. Ela agoniza e normalmente se manifesta como em dores de parto, em “contrações”, normalmente compreendidas – ou muitas vezes apenas sentidas – como fenômenos e catástrofes. Mesmo assim, há dificuldade em compreender o sofrimento da terra pela ausência do cuidado humano. É isso, aliás, que nos alerta o Papa Francisco ao falar continuamente sobre “o cuidado” com a Criação.

Por essa razão, também, ele nos convida a escutar os gemidos da terra e uni-los aos demais gemidos dos que estão abandonados neste mundo. Essa sua preocupação nos motiva a darmos às razões de nossa esperança e a assumirmos o compromisso de cuidar da obra do Criador hoje. “O ser humano ainda é capaz de intervir, de forma positiva”, afirma Francisco. Deus acredita em todos os seus filhos e filhas para recuperar a Criação e, por isso, ainda nos convida a renovar a esperança que se apresenta a cada Natal, ao reassumirmos Cristo como Caminho, Verdade e Vida.



## DUAS MULHERES EM BUSCA DO MESMO SONHO: O RECOMEÇO

JULIANA MICHELLE COMUNICADORA POPULAR, SPM/NE – PB

A atual crise na Venezuela tem mexido com a vida de toda sociedade. Muitos precisam sair do país em busca de assegurar para si e para os seus, o básico para a sobrevivência. Essa é a dinâmica de quem tem migrado forçosamente e tem sido colocado em seguida no caminho nas ações de uma interiorização, pelo Estado Brasileiro, ou por uma melhor integração, proposta pelas entidades da Igreja, no sentido de dar condições a pessoas e famílias para reconstruírem suas vidas, neste novo Lar e Pátria. Guerreira Yolanda Velasquez 27 anos, manicure, veio da cidade de Maturín/Monagas na Venezuela, com suas filhas, Jonhangolis Suquet (08), Mariannys Suquet (06) e seu esposo Jonathan Suquet (29) moto-taxista. Eles chegaram ao Brasil em busca de uma vida com dignidade e um futuro melhor para suas filhas. Vamos conhecer um pouco sobre sua família, como viviam na Venezuela, quais os seus sonhos e seus planos para o futuro.



Foto: Juliana Michelle

**Yolanda:** A minha vida antes lá era boa; não era uma vida de milionários, de rico, mas dava pra comprar roupas, calçados, alimentos, medicação, todo o necessário. Pouco a pouco compramos até nossa casa e tínhamos duas motos. Mas depois que as coisas pioraram, tivemos que vender as duas motos, e daí não tinha mais nem como levar as crianças na escola, e a alimentação já não era balanceada, e depois não tínhamos mais o que comer. Resolvemos nos desprender do que tínha-

mos e meu marido veio para o Brasil e eu e minhas filhas ficamos lá; ele mandava o que conseguia aqui, mas ainda assim passamos muita necessidade. Um adulto até aguenta fome, mas não tem uma criança que aguarde fome. Ver minhas filhas chorando de fome e não poder dar nada é muito difícil. Ele passou aqui cinco meses trabalhando com diárias, e depois conseguiu um trabalho. No trabalho, eles falaram que ele poderia trazer a família, mas depois que chegamos não tinha mais o trabalho. Ficamos por um tempo na casa de um rapaz que nos ofereceu ajuda; ele é uma boa pessoa. Mas tivemos que sair.

Foi gente da ONU que nos falou de ir a outro estado, com mais oportunidades, mas não sabíamos ainda para onde, ficamos com medo mas decidimos ir. Depois soubemos que nosso perfil foi selecionado para vir à Paraíba. Nossa expectativa era de outro lugar, porque em Roraima tem muita gente querendo ajudar, mas também tem muito venezuelano precisando; mas graças a Deus, desde que chegamos aqui, ele está trabalhando perfurando poços. O principal motivo de vir para o Brasil é pensar no futuro das minhas filhas, elas estavam estudando lá, porém sem ânimo nem gosto de ir à escola, porque uma criança com fome não consegue se concentrar. Aqui elas gostam muito e ao chegarem da escola sempre falam que tem muitos colegas, amiguinhos, que a professora é linda e isso me faz muito feliz. A adaptação é complicada, a fala principalmente, mas o mais difícil mesmo é ficar longe da minha família, só que me sinto muito grata ao Brasil; é mais tranquilo, tem mais segurança e oportunidades. Aqui em João Pessoa, Paraíba, na Casa do Migrante somos muito bem recebidos, chega muita ajuda, todos tem muito carinho e amor com a gente, todos entende nossas necessidades, perguntam como estamos, se estamos precisando de algo, se preocupam mesmo com a gente.

As dificuldades são muitas: minha

mãe, meu pai, meus sete irmãos ficaram, pois não podíamos trazer todos. Meu pai está doente e precisa de um medicamento que não encontra mais lá por nenhum preço. Outro dia fiquei muito surpreendida com tudo muito caro lá e minha família está muito triste. Todos estão na mesma situação em que eu estava, tem filhos/as e estão desesperados lá. Me falam: " ah, esta noite não comemos, e amanhã e depois também não sabemos". Eles gostariam de vir, se tivessem a chance de conseguir a passagem. É muito triste pensar que se acontecer algo a eles eu não possa está lá para ajudar. Sinto muito quando minha mãe, fala pra mim: "eu não preciso de dinheiro eu preciso de você". Eu também tenho muita saudade dela, mas tenho que ser muito forte, por ela e pela minha família toda. Sei que hoje meus pais não tem a vida que merecem, eles que trabalharam muito por nós e nos deram tudo de melhor. É muito difícil vê-los nesse estado, sem ter comida, e sem medicamentos. Deus tem sido muito bom conosco e nunca há de nos desamparar.

A minha expectativa daqui pra frente é me estabilizar aqui, ajudar minha família na Venezuela, manter minhas filhas estudando, voltar a trabalhar como manicure que gosto muito e até já ganhei muitos materiais. Queremos ter uma casa para minhas filhas, poder dar estabilidade pra elas e trazer meus pais e meus irmãos de lá. Sobre a minha Venezuela ela é muito bonita, sinto saudades e se hoje as condições do meu país melhorassem, poderíamos até voltar; eu ainda sonho que ela mude para um país mais justo e tranquilo.

A trajetória da jovem Venezuelana Luzmar Navarro, não é diferente: ela tem 26 anos e migrou para o Brasil em busca de um futuro melhor para sua família. Luzmar morava na cidade de Bolívar, estado de Bolívar, que fica na Venezuela; filha de pais separados desde os seus dez anos





Foto: Juliana Michelle

de idade, ela aprendeu com a mãe – Luz Rondón - a ser guerreira e ir em busca de suas realizações. Ao se separarem, o pai de Luzmar, o senhor Jesus Navarro, contribuía financeiramente com as despesas da casa, porém não era suficiente para a criação dela e sua irmã. Com isso, sua mãe precisava fazer alguma coisa para garantir o sustento da família; foi quando decidiu fazer sorvete e começou a vender em uma escola. As duas filhas a ajudavam na produção e venda. Após a separação, sua mãe também conseguiu voltar a estudar; formou-se em educação, conseguiu uma vaga na área particular e continuou vendendo sorvete e lecionando. Aos 18 anos de idade, Luzmar inicia sua trajetória profissional em uma loja, porém trabalhava sem os direitos garantidos, recebia pouco, apenas pelo dia trabalhado. Mas precisava ajudar nas despesas de casa. Luzmar cursou informática, mas precisou desistir e sua irmã Luzmarene Navarro (23), começou a cursar medicina, mas parou também e, com o tempo, cursou engenharia química e concluiu.

Rammy Salazar (25), é o esposo de Luzmar; namoraram por um ano e agora têm quatro anos de casados. Rammy trabalhou como caixa de supermercado por mais de três anos e quando a situação do país piorou, sua irmã que havia vindo pra o Brasil trabalhar e conseguir dinheiro para realizar o sonho de concluir sua primeira faculdade de medicina, a convidou para vir trabalhar aqui,

porém não aceitou pois seu esposo estava trabalhando. Um tempo depois, eles precisaram pensar em vir, após Rammy perder o emprego e as condições ficarem mais complicadas ainda, tendo que morar na casa do avô dele. Infelizmente, já procurando outro emprego, Rammy ficou doente e os dois ficaram dependendo dos pais deles para se manterem. Felizmente, a união da família sempre teve relevante importância no caminho do casal, relembra: “nós nos consideramos uma família muito unida, minha mãe nos criou, e meu pai também, deram um jeito de nos criar para ficarmos muito unidas; se uma ficava bem, a outra tinha que estar bem também; não podia haver egoísmo entre nós”, afirma ela. Após sua melhora e diante a situação difícil, eles aceitaram o convite da irmã Luzmarene e decidiram vir para o Brasil. “Não era plano nosso sair da nossa Venezuela, era apenas para passeio, porém devido as condições de vida ficarem difíceis, sem trabalho e alimentação, tivemos que sair”, nos conta. Com vinte e uma horas de viagem ao Brasil e a chegada em Boa Vista-Roraima, ficaram morando em um quartinho que havia sido alugado pela sua irmã a qual voltou à Venezuela, para ficar com sua mãe e seu avô. Luzmar assumiu o emprego de doméstica que Luzmarene tinha em Boa Vista. Rammy procurava emprego, porém não conseguia e o que recebia era a renda para todas as despesas de casa e mandar dinheiro para sua família na Venezuela. Novamente estavam recomeçando suas vidas e animados com a renovação da esperança.

Durante as aulas de Português que faziam, a professora falava de uma oportunidade de ir para outro lugar, outro estado, porque a essa altura já estavam chegando muitos refugiados a Roraima e o seu marido que ainda não havia encontrando emprego, já se preocupava. Refletindo sobre isso, a princípio combinaram que ele sairia primeiro e depois ela. Entretanto, por coincidência ou por ironia do destino o seu trabalho não estava mais dando certo e, ficando sobrecarregada, precisou sair. A partir dis-

**“AS DIFICULDADES CONTINUAM, PORÉM LUZMAR APRENDEU COM AS LUTAS DA VIDA, QUE TODO MUNDO TEM DIREITO A UMA VIDA DIGNA E JUSTA, E PARA ISSO MUITAS VEZES É PRECISO ENFRENTAR ALGUMAS BATALHAS.”**

so decidiram aceitar a proposta de saírem dali, e tudo foi acontecendo rapidamente e providenciado para viajarem juntos. Assim, ela, seu marido e uma prima conseguiram a transferência, em Julho, para a Casa do Migrante, em João Pessoa, na Paraíba. Recebidos pelo Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste, já sentiram muito diferente as boas vindas, foram muito bem acolhidos, conta Luzmar: “Onde passamos as pessoas dão as boas vindas para nós, se interessam em conhecer e aprender sobre a cultura da nossa Venezuela, isso é muito bom”.

Atualmente, Rammy trabalha em um restaurante e Luzmar está empregada no MC Donalds. Luzmar se sente muito feliz, e pretende voltar a estudar, motivada por outras pessoas daqui. Então começou a procurar um curso técnico e pensa no futuro: “os planos agora são de estudar, trabalhar; preciso fazer os dois, quero conquistar uma estabilidade, tenho que ver se consigo me formar, e vou trabalhar em cima disso. Por exemplo: não tenho filhos ainda, mas quero uma estabilidade para poder dar tudo de bom para os meus filhos. Apesar das incertezas, pretendo continuar aqui no Brasil”.

As dificuldades continuam, porém Luzmar aprendeu com as lutas da vida, que todo mundo tem direito a uma vida digna e justa e, para isso, muitas vezes é preciso enfrentar algumas batalhas. Como





forma de gratidão essa migrante deixa em suas palavras o carinho para com as pessoas que a acolheram e acolhem "Primeiramente desejo que Deus abençoe as suas vidas. A Palavra de Deus fala que sua vontade é boa, agradável e perfeita, sendo ele que a coloca em nosso coração. Ele quer que nós façamos assim para continuar ajudando e acolhendo essas

pessoas que precisam. Porque sabemos que essa crise está em toda parte, há um tempo, na Venezuela; outro dia, em outro lugar, e amanhã pode atingir qualquer um, inclusive um irmão seu ou você. Dedicar o tempo, o esforço, na Casa do Migrante não é fácil; lidar com tanta gente, tantas histórias, continuar ajudando todo mundo, mesmo não sendo fácil, não é todo mundo

que é agradecido pelo que vocês fazem, mas que Deus siga abençoando as suas vidas". Quando queremos retratar histórias de vidas é porque nos contrapomos às hegemonias do capital, que quer ver o migrante como problema e não como solução e também não os vê como pessoa humana, com direitos e deveres, e o mais fundamental deles, o direito à vida!

## REFLEXÃO

# CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MIGRAÇÕES NA PAN-AMAZÔNIA

MÁRCIA MARIA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

A partir de 2010, a Amazônia passou a figurar entre as regiões com maior mobilidade interna e internacional na América Latina. As novas rotas migratórias, que circulam no sul da América Latina e que passam pela Amazônia, representam novos deslocamentos oriundos especialmente do Caribe e dos países transfronteiriços. Representam também a abertura de novas rotas migratórias, nas quais "as fronteiras da Amazônia" são vistas pelos migrantes como a entrada para o Brasil "pelas portas dos fundos" (OLIVEIRA, 2016, p. 19). O Estado de Roraima, de maneira especial, figura nesses itinerários migratórios como lugar de entrada no Brasil de grandes contingentes migratórios oriundos da Venezuela e como lugar de passagem para países vizinhos, notadamente Guiana Francesa, Argentina e Chile<sup>2</sup>.

Essa nova conjuntura migratória na Amazônia oportuniza a atualização dos estudos migratórios e da sociologia dos

deslocamentos humanos e destaca o papel que a região passa a ocupar na conjuntura internacional num processo de adaptação à nova Lei de Migrações, lei Nº. 13.445/2017 (BRASIL, 2017), que orienta a elaboração de políticas públicas migratórias e determina que a ausência das mesmas por parte dos estados nacionais e dos governos locais representa grave violação aos direitos humanos. A falta de políticas migratórias abre precedentes para atuação de grupos especializados na exploração de migrantes em situação vulnerável submetidos a condições subumanas de trabalho, muitas vezes análogo ao escravo. Nesse contexto as rotas do tráfico humano têm aumentado de forma exponente na Amazônia, atingindo crianças migrantes e, principalmente mulheres, para fins de exploração sexual comercial nas suas mais variadas modalidades<sup>3</sup>.

A presença mais expressiva dos migrantes nas ruas das cidades de Roraima tem revelado atitudes discriminatórias re-

lacionadas ao racismo, discriminação de classe, sexísmos e xenofobia. Observa-se um cotidiano de relações tensas e conflituosas direta ou indiretamente influenciadas por discursos e iniciativas de representantes do poder local (político e econômico) que, em oposição ao que estabelecem os acordos e tratados internacionais assinados pelo Estado Brasileiro, apregoam o fechamento da fronteira e a retirada dos venezuelanos das regiões centrais da capital e praticam atitudes de completa intolerância e xenofobia<sup>4</sup>.

A atual dinâmica migratória dessa região denuncia a existência de problemas sistêmicos, comuns ao processo histórico e permanente que acompanham as migrações em toda Pan-Amazônia, como o que ocorre com os deslocamentos dos Povos Indígenas<sup>5</sup> devastados em seus territórios e deslocados para dar lugar a grandes projetos desenvolvimentistas e economicistas de grandes impactos ecológicos e socioambientais na Venezuela e em toda Pan-Amazônia.

<sup>1</sup> Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Roraima; assessora da REPAM, Cáritas e SPM.

<sup>2</sup> Sob o título "RR é passagem para imigrantes que querem chegar à Argentina" matéria afirma que a "A maioria prefere países economicamente estáveis e onde não tenha dificuldade com a língua". Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/noticia/RR-e-passagem-para-imigrantes-que-querem-chegar-a-Argentina/41520>. Consultado em 09/09/2018.

<sup>3</sup> De acordo com matéria publicada em <http://d.emtempo.com.br/amazonas-cidades/87498/trafico-de-pessoas-conheca-relatos-de-um-crime-silencioso-na-amazonia>. Acesso em 10/09/2018.

<sup>4</sup> Conflitos frequentes tem ocorrido entre brasileiros e venezuelanos e revelam omissão por parte do Estado conforme matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/imigrantes-voltam-para-a-venezuela-apos-violencia-em-roraima.shtml>. Consultado em 10/09/2018.

<sup>5</sup> Especialmente os Povos das etnias warao e e'ñepá, de acordo com informe da ONU disponível em: [https://www.google.com.br/search?ei=kdiVW4P1BIKZwQS-Qyp3QBw&q=povo+ind%C3%ADgena+%C3%B1ep%C3%A1+da+venezuela&oq=povo+ind%C3%ADgena+%C3%B1ep%C3%A1+da+venezuela&gs\\_l=psy-ab.3...35518.37510.0.41451.4.4.0.0.0.237.703.2-3.3.0....0...1.1.64.psy-ab..1.0.0....0.e4Ge2H2g2kw](https://www.google.com.br/search?ei=kdiVW4P1BIKZwQS-Qyp3QBw&q=povo+ind%C3%ADgena+%C3%B1ep%C3%A1+da+venezuela&oq=povo+ind%C3%ADgena+%C3%B1ep%C3%A1+da+venezuela&gs_l=psy-ab.3...35518.37510.0.41451.4.4.0.0.0.237.703.2-3.3.0....0...1.1.64.psy-ab..1.0.0....0.e4Ge2H2g2kw). Acesso em 09/09/2018.





Famílias de venezuelanos participam do programa de interiorização do Governo Federal. A Iniciativa tem o apoio de diferentes agências da ONU, como a Organização Internacional para as Migrações.  
Foto: OIM

Essa intensa dinâmica migratória também tem proporcionado à região uma reinterpretação da questão migratória reconhecendo que é inegável que os migrantes são portadores de mudanças importantes tanto no modo de vida das sociedades de origem quanto naqueles de destino migratório. Os migrantes contribuem para ampliar a visão do espaço amazônico para além das fronteiras brasileiras e relacioná-los com a ideia de simultaneidade de tempos e espaços.

Esses novos itinerários migratórios nas fronteiras amazônicas dão lugar às transformações simultâneas do espaço regional, nos quais as distâncias culturais se estreitam ou se escancaram e as diferenças passam por um processo de reelaboração ou exasperação das relações sociais. Nessa perspectiva, a fronteira representa um divisor de águas determinante para a construção de relações que extrapolam as próprias linhas geopolíticas e estendem-se por outras regiões a partir do momento em que os migrantes adentram os países limítrofes.

Percebe-se que nacionais e estrangeiros e as cidades que os recebem não ficam incólumes à migração. A propósito, ainda que não seja essa a representação

hegemônica, é inegável a contribuição dos migrantes para o desenvolvimento da Amazônia, uma vez que os deslocamentos de populações fazem circular novas bases de produção, transferências de tecnologias e conhecimentos enriquecendo, em maior ou menor grau, as relações culturais, sociais, políticas e econômicas.

No recente período de campanha eleitoral comandado pelo presidente ora eleito, surgiram muitas atitudes anti-migratórias, alimentadas por discursos políticos ultra-conservadores que, de forma irresponsável, criminalizam os migrantes ao invés de pensar políticas migratórias. Entretanto, observa-se que prevalecem os gestos de acolhida dos moradores locais e das instituições nacionais, internacionais, confessionais e humanitárias tais como: Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH) da Diocese de Roraima, Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), Serviço Jesuíta a Migrante e Refugiados (SJMR), Comissão Episcopal Pastoral Especial para o Enfrentamento ao Tráfico Humano (CEPEETH) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Setor Mobilidade Humana da

CNBB, Cáritas Brasileira, Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), União Marista do Brasil (UMBRASIL), Diocese de Roraima, pastorais sociais, paróquias, comunidades católicas e de outras igrejas. Surgem também grupos pequenos espontâneos de solidariedade, que se somam para conhecer os migrantes, acolhê-los nas comunidades, reconhecendo seus direitos e dignidade humana.

Esses grupos e instituições reconhecem que a migração é uma oportunidade para ana-

lisar nossas diferenças e semelhanças e entender como estamos todos conectados ou interligados na "casa comum" (PAPA FRANCISCO, 2015). Os gestos de acolhida e respeito aos migrantes por mais singelos que sejam, são importantes para ajudar a combater a globalização da indiferença com a globalização da "cultura do encontro" (PAPA FRANCISCO, 2016).

Nesse sentido, os migrantes e refugiados, longe de configurar-se como problema social, representam avanços importantes para a região. As migrações representam ainda uma chave de leitura da Amazônia, como fato positivo e de grande contribuição para interpretação dessa imensa região, tendo por referência o estado de Roraima, as fronteiras da Pan-Amazônia e suas dinâmicas migratórias contemporâneas (OLIVEIRA, 2016).

#### Referências

- BRASIL. Senado Federal. Lei 13.445, de 24 de maio de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 05/11/2018.
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea. São Carlos: Scienza, 2016.
- PAPA FRANCISCO. Por uma "Cultura do Encontro". Cidade do Vaticano: L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.





Imigrantes venezuelanos participam do 24º Grito dos excluídos, Boa Vista - RR

Foto: Arquivo Secretária Nacional do Grito dos Excluídos



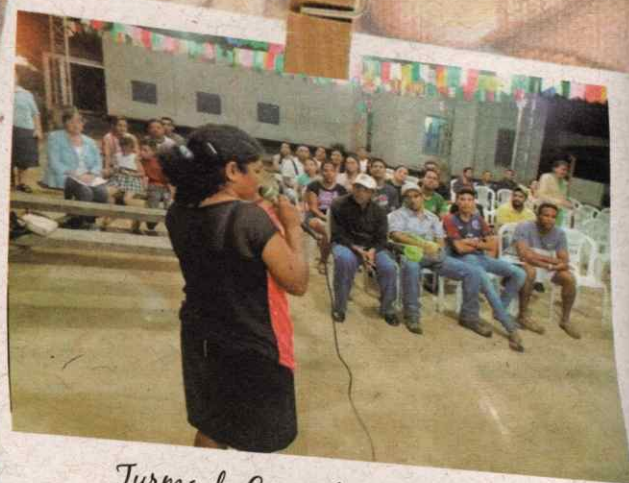
24º Grito dos Excluídos, Fortaleza - CE

Foto: Arquivo Secretária Nacional do Grito dos Excluídos



Alunos do curso de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa e Cultura Brasileira recebendo o kit de material escolar, Manaus - AM

Foto: Arquivo SPM Manaus



Turma do Curso de Língua Portuguesa em Boa Vista - RR



Celebração Eucarística para comemorar o dia Nacional do Migrante, São Paulo - SP

Foto: Magarete Contil

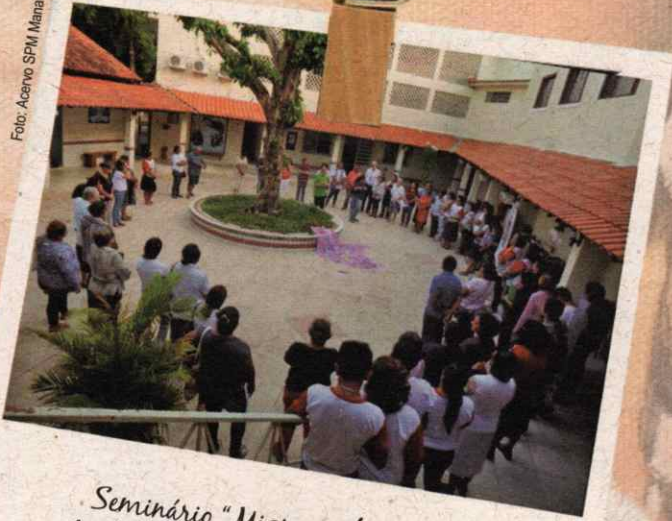


Missão de Abertura da 33ª Semana do Migrante na Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Teresina - PI

Foto: Arquivo SPM Nacional



Foto: Acervo SPM Manaus



Seminário "Migração forçada e tráfico de pessoas, Manaus - AM

Foto: Acervo SPMINE



Roda de diálogo "Refugiados um convite à solidariedade", na Colônia dos Pescadores, em Jacumã, Conde - PB

Foto: Acervo SPM Nacional



Evento Cultural com Imigrantes venezuelanos, Boa Vista - RR

Foto: Acervo SPM Manaus



Celebrando a Cultura do Encontro e celebrando a vida e a integração dos Venezuelanos do grupo étnico Warao, Manaus - AM

Foto: Aurimete Freire



Celebração da 33ª Semana do Migrante em Rio Branco - AC

Foto: José Roberto Rodrigues



Encontro mensal com refugiados da República Popular do Congo, na Diocese de Duque de Caxias - RJ



## MÍDIA E FAKE NEWS

DANIEL DALMORO



Muito se tem falado nos últimos tempos sobre as “fake news”, que significa “notícias falsas”, e não passam disso: mentiras, falsidades, boatos, fofocas, adaptadas às novas tecnologias. Contudo, nestes tempos de internet, whatsapp, facebook, notícias falsas acabam por se espalhar feito fogo em rastro de pólvora, comprometendo pessoas, instituições e ideais, sendo praticamente impossível de controlar e reverter.

Trataremos das *fake news* em dois aspectos: o primeiro é da divulgação das mesmas. Se quando uma notícia falsa chega no nosso WhatsApp e mandamos para frente, não raro, estamos sendo apenas ingênuos. Já as pessoas e grupos que criam esse tipo notícia e começam a espalhá-las nada têm de inocentes. São

mal intencionadas e abusam da boa fé das outras, com vistas a algum objetivo geralmente social ou político.

Quem cria *fake news*, tem nisso sua profissão, são pessoas que estudaram psicologia, sociologia, analistas de “big data”, o comportamento das pessoas na internet e fazem uso do seu conhecimento para enganar os internautas. Para ter sucesso o *fake news*, apela para medos e preconceitos das pessoas, fruto da educação fraca que possuímos dentro e fora das escolas, ou mesmo, no nosso trabalho de base, de modo a explorar a ingenuidade, a ignorância e a boa fé dessas pessoas. Ao se utilizar de medos e preconceitos, o caminho mais natural das *fake news* é acabar no discurso de ódio e o estímulo à violência.

Retomamos rapidamente o horróso episódio de Pacaraima, em Roraima. O fato que existiu foi um assalto, em que a vítima sofreu agressão leve. Mídias, grupos políticos e candidatos resolveram lucrar com o episódio, e o que se divulgou foi que venezuelanos seriam os assaltantes e que a vítima estaria em estado grave. Por que as pessoas acreditaram? Porque essa distorção dos fatos confirmava as crenças dos indivíduos que partiram para fazer justiça com as próprias mãos. Na família, na escola, na mídia somos ensinados de que a Europa branca é civilizada e trabalhadora (por isso seriam desenvolvidos), enquanto negros, mulatos, morenos, indígenas, andinos são preguiçosos, violentos, que resolvem tudo na porrada. Há quem



use para ilustrar isso o fato da maioria dos detentos serem negros, ignorando toda nossa história de escravidão mal abolida. Também somos bombardeados diariamente com a ideia de que estrangeiros (que não brancos da Europa ou EUA) são violentos, terroristas, "invadem" os países prósperos para "roubar" o emprego dos cidadãos. Também ouvimos toda hora que o governo não faz nada de bom, só cobra impostos (nunca explicam para que servem os impostos), que a justiça não pune os criminosos e coisas do tipo.

Bem, se todo dia nos falamos disso, então só pode ser verdade que estrangeiros venezuelanos pobres cometeram o assalto e mataram a vítima, e o governo não faz nada, e precisamos nós fazer - eis o provável raciocínio lógico das pessoas que deixaram suas humanidades em algum canto e passaram a seguir a cadela no cio do fascismo (para citar Brecht).

O combate às *fake news* precisa ser feito, dentre outros motivos, para evitar novos episódios de violência como esse. Quem deve punir é a justiça, depois de julgamento justo: quem faz justiça com as próprias mãos - a não ser em filmes de Hollywood - ou é bandido, ou é bandido. Porém, há um segundo aspecto: é curioso notar como a grande mídia corporativa (Globo, Folha, Band, Veja, e outros canais de televisão, internet e impressos) combatem a *fake news*, criando até "agências de checagem", como se eles só falassem a verdade.

**Primeiro problema:** ainda que um fato possua uma verdade indiscutível, a interpretação desse fato e a forma como é contado comporta vários pontos de vista, de modo que não há uma verdade inconteste. Fosse isso era pouco, a grande questão é que a mídia é ela própria, desde longa data, divulgadora de notícias falsas, de *fake news*.



## “ ENQUANTO MOVIMENTO SOCIAL, NOSSO PAPEL NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO NÃO DEVE SE RESTRINGIR APENAS A DENUNCIAR QUANDO ALGUMA FAKE NEWS É COMPARTILHADA NAS REDES SOCIAIS, DEVE SER FEITO TAMBÉM NO NOSSO DIA A DIA E NO NOSSO TRABALHO DE BASE...” ”

*Exemplos rápidos:* 1982, Caso Proconsult: a Globo dizia que Brizola estava perdendo na contagem dos votos do governo do Rio de Janeiro, e não fossem os fiscais, o tribunal eleitoral iria legitimar a farsa; caso escola Base, 1994: divulga-se a notícia de que os donos de uma escola de São Paulo teriam abusado sexualmente de crianças, a escola é quebrada, os donos precisam fugir para não serem linchados, depois descobre-se que as crianças tinham inventado, mas a vida dos donos da escola estava arruinada; Lava Jato e eleições recentes (2012-2016): em conluio com a (enorme) banda podre do judiciário e do ministério público, a mídia começa uma campanha de *fake news* dizendo que o único partido corrupto é o PT e ele teria quebrado o país. Os exemplos seriam muitos: Golpe de 1964, Diretas Já em 1984, Eleições de 1989 e 1998, impeachment da Dilma, ocultações dos escândalos envolvendo políticos tucanos, Panama Papers (envolvendo a própria Globo), a suposta conta na Suíça de Lula, em 2006; as acusações absurdas contra MST, MTST e outros movimentos sociais, etc...

Assim, fica a questão: por que a mí-

dia combate as *fake news*, se ela própria é divulgadora de notícias falsas? Ao que tudo indica, o problema das *fake news* divulgada por grupos paralelos (como MBL, Revoltados Online e outros) é que com isso a mídia tradicional (junto com os donos do poder e dos grupos oligárquicos que dominam o Estado) perde o controle das mentiras - e começa a ser ela própria vítima de seu veneno.

Enquanto movimento social, nosso papel no combate à desinformação não deve se restringir apenas a denunciar quando alguma *fake news* é compartilhada nas redes sociais, deve ser feito também no nosso dia a dia e no nosso trabalho de base. Precisamos estar atentos para não nos deixarmos enganar, para perceber os preconceitos que temos e nos desfazer deles. Precisamos alertar a todos com quem convivemos que a própria mídia é divulgadora de mentiras, indutora de comportamentos nefastos para nós próprios e nosso planeta: nossos desejos de consumo e nosso padrão de consumo nada tem de natural, são induzidos por essa mídia, que lucra com a publicidade e com a venda, ao nos fazer acreditar, por exemplo, que sem uma roupa de marca valemos menos ou sem o último modelo de celular não faremos amigos. O primeiro passo para combater a *fake news* é reafirmar a verdade divulgada por Cristo (assim como outras religiões): o ser humano tem valor por si próprio, não precisa de apetrechos e títulos para ter direito à dignidade, e só o amor constrói, nunca o ódio. Mas amar o próximo não significa baixar a cabeça para a autoridade, é justo enfrentar as injustiças.

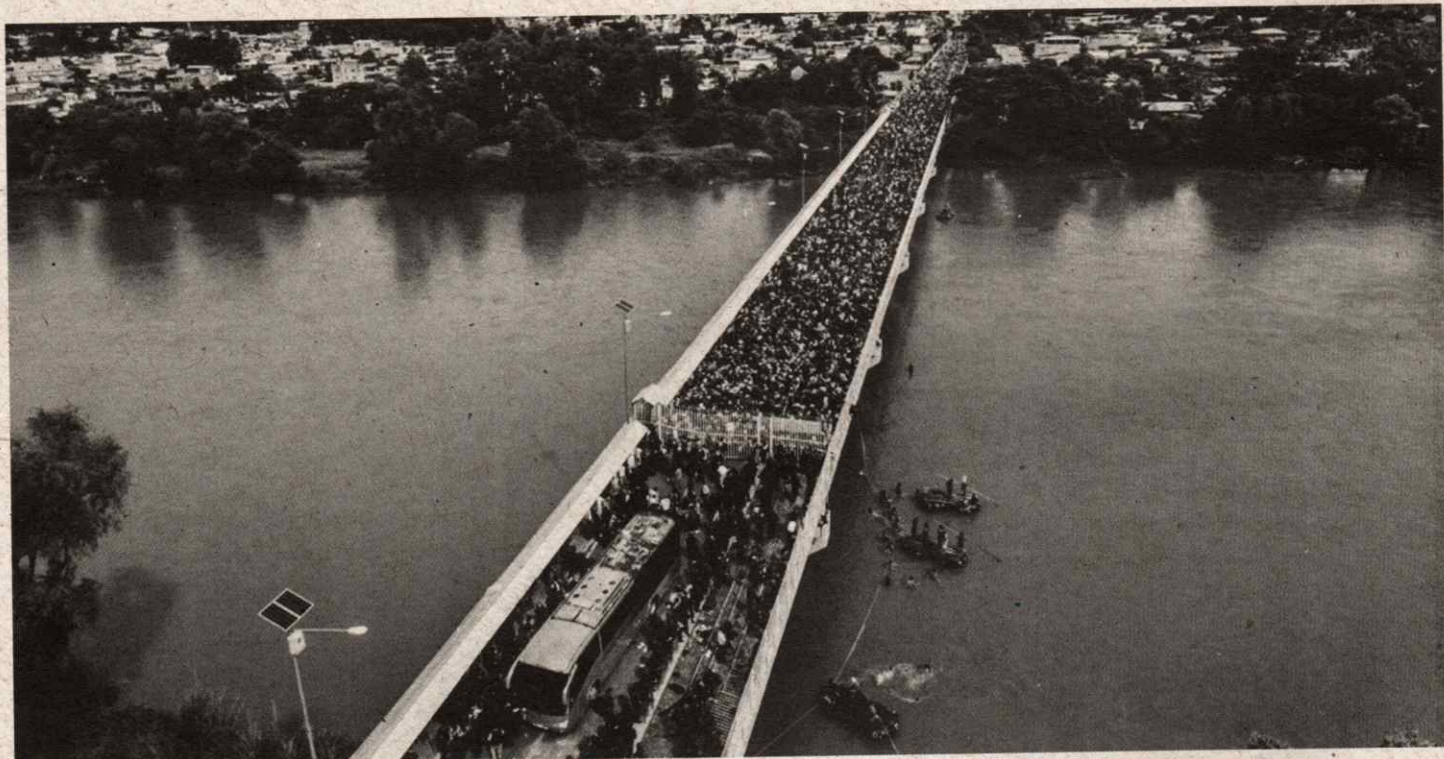


- Rede TVT, no youtube e facebook [www.tvt.org.br];
- Revista semanal Carta Capital;
- Site GGN [www.jornalggm.com.br]



# A NOVA LEI DE MIGRAÇÃO — BREVES COMENTÁRIOS

ROSITA MILESI



Caravana de migrantes da América Central chegando ao México, rumo aos Estados Unidos.  
Foto: Pedro Pardo / AFP - <https://internacional.estadao.com.br>

Os diferentes momentos vividos no Brasil em termos de migrações internacionais e de regimes políticos geraram iniciativas diversas a reger o tratamento dispensado aos migrantes e aos refugiados. Sem nos atermos a uma análise dos diversos momentos históricos e condutas legislativas, por não ser objeto deste breve escrito, vale ressaltar que, nas últimas décadas “[a]s políticas migratórias no Brasil viviam o paradoxo de conviver com um marco regulatório baseado na segurança nacional em plena ordem democrática”, como afirma ATR de Oliveira<sup>1</sup>. Ademais, há anos o Brasil possui uma Constituição Federal voltada a parâmetros de proteção aos direitos humanos e de tratamento igualitário entre brasileiros e estrangeiros residentes, assegurando a estes um amplo elenco de direitos e garantias. Contudo, mesmo neste contexto, sobrevivia, até recentemente, o retrógrado e defasado Estatuto do Estrangeiro (Lei 6815/1980), anterior à própria “Constituição Cidadã”, o qual

engessava decisões voltadas ao acolhimento<sup>2</sup>, proteção e integração dos imigrantes.

O Brasil conviveu, por mais de 35 anos com uma lei restritiva - o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/80), aprovada em pleno regime militar. Para termos uma ideia do quão inadequado era tal instrumento jurídico, basta lembrar que, já em 1991, o Poder Executivo enviava ao Congresso Nacional uma proposta de alteração bastante substancial à referida Lei. Tal proposta que se tornou o Projeto de Lei nº 1.813/91 tramitou por 10 anos no Congresso Nacional, mas a fraca pressão da sociedade que, à época, não vivia grande desafio em termos de migrações, e o pouco interesse do Congresso Nacional pelo tema, acabaram por inviabilizar a aprovação do referido Projeto de Lei. Em 2001 foi, então, retirado pelo próprio Poder Executivo.

Sucederam-se muitos debates, estudos, sempre na expectativa de que um novo Projeto de Lei seria encaminhado ao Congres-

so Nacional. Porém, isso tardou a acontecer. Somente em 2009 é que, o então Presidente Luís Inácio Lula da Silva, encaminhou ao Congresso a nova proposta de PL, desta vez com o nº 5.655/2009. O projeto também tramitou por alguns anos, mas, face à lentidão do processo e ao pouco interesse do Congresso, além das mudanças na realidade migratória que já vinham ocorrendo no Brasil, tornou-se obsoleto. Já não correspondia às necessidades e tampouco representava uma atualização significativa na postura do País frente à questão migratória.

Em 2013, surge nova iniciativa, agora no Senado Federal, visando uma lei de Migração. Um projeto de lei do então Senador Aloysio Nunes Ferreira propõe um texto que altera profundamente a ótica e a filosofia da postura do Brasil para o tratamento da questão migratória. Baseado na Constituição Federal (CF) de 1988, o novo texto se orienta pelo direito de migrar, pela proteção aos direitos humanos, pelo respeito à digni-

<sup>1</sup> [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969\\_Estatuto\\_estrangeiro.pdf?sequence=1](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969_Estatuto_estrangeiro.pdf?sequence=1)

<sup>2</sup> Segundo o dicionário online de português, “Acolhimento” significa: “Ação ou efeito de acolher; acolhida. Modo de receber ou maneira de ser recebido; consideração. Boa acolhida; hospitalidade. Lugar em que há segurança; abrigo”. Acesso em 12/08/2018.



dade humana, pela igualdade de tratamento entre nacionais e migrantes, contemplando todo um elenco de princípios constitucionais já consagrados em nossa Carta Magna.

Após quatro anos de processo legislativo, com ampla participação da sociedade civil, organismos internacionais, diferentes instâncias governamentais e órgãos públicos de proteção, a nova Lei de Migração (Lei 13.445/2017<sup>3</sup>) foi aprovada no Congresso Nacional e seguiu para sanção do Presidente da República, Michel Temer. Certa decepção se abateu sobre todos os que lutaram por esta nova Lei de Migração, avançada e efetivamente protetora do direito de migrar e dos direitos dos migrantes, devido ao veto do Presidente da República a 21 itens do texto que fora aprovado pelo Congresso Nacional. Com efetivo prejuízo em seu conteúdo, causado por terem sido vetadas disposições de grande importância, a nova Lei de Migração foi sancionada e publicada no Diário Oficial da União no dia 25 de maio de 2017, revogando, finalmente, o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/80).

Apesar dos vetos, a Nova Lei de Migração foi uma grande conquista, um verdadeiro avanço no contexto das migrações, contemplando, inclusive aspectos que anteriormente não dispunham de qualquer disposição, tais como apatridia, tráfico de pessoas, reunião familiar, emigração de brasileiros, isenção de taxas, insuficiência, entre outros.

A nova Lei de Migração, que tem sua base fundamental na CF/88, e ratifica sua determinação de dispensar tratamento igualitário entre brasileiros e imigrantes<sup>4</sup>, representa uma mudança de paradigma para a migração no Brasil. Reconhece o migrante como sujeito de direitos e garante seus direitos civis, sociais, culturais e econômicos (Lei 13.445/17, Art. 4º, I), além de garantir a inclusão social, laboral e produtiva através de políticas públicas (Art. 3º, X).

É importante ressaltar que ao imigrante é garantida a manifestação política<sup>5</sup>, mas não ainda o direito de voto, aspecto que só será possível após a necessária alteração constitucional. Voltada a alcançar esta alteração constitucional, tramita no Congresso a Proposta de Emenda à Constituição nº 25/2012, que visa alterar os artigos 5º, 12 e 14 da CF/88, "conferindo aos estrangeiros com residência permanente no País capacidade eleitoral ativa e passiva nas eleições municipais".

A Lei de Migração ora vigente no Brasil traz um olhar diferenciado aos direitos humanos dos migrantes, uma linguagem com teor humanitário e promove assim uma flexibilização no tratamento da questão migratória, inserindo princípios, novos termos e nova visão em relação ao migrante no ordenamento jurídico brasileiro. A substituição do termo "estrangeiro" por "migrante", por exemplo, busca abandonar a carga discriminatória que traz o uso de expressão que trata o outro como um alienígena, um estranho e não como alguém que se desloca em busca de um lugar para viver, de uma pátria que lhe propicie melhores condições pessoais, familiares e sociais, com dignidade e em segurança.

Disposições diversas constantes na Lei 13.445/2017 expressam uma nova visão, um novo espírito a nortear o tratamento da questão migratória no Brasil nos vários aspectos da acolhida, proteção e integração do migrante. Vejamos, por exemplo, pontos que se destacam no art. 3º: a universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; o repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; a não criminalização da migração; a não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional; a promoção de entrada

regular e de regularização documental; a acolhida humanitária; a garantia do direito à reunião familiar; a igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares; políticas públicas que devem promover a inclusão social, laboral e produtiva do migrante; o acesso do migrante a programas e direitos sociais, educação, assistência jurídica, com respeito ao contraditório e à ampla defesa, trabalho, moradia, serviço bancário; a promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante; a cooperação internacional com Estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos do migrante; a proteção integral e atenção ao superior interesse da criança e do adolescente migrante; a proteção ao brasileiro no exterior; a promoção, nos termos da lei, do reconhecimento acadêmico e do exercício profissional no Brasil; e o repúdio a práticas de expulsão ou de deportação coletivas.

Em outras disposições, encontra-se o reconhecimento de situações de vulnerabilidade, pois, apesar de a definição de "grupo vulnerável" ter sido um dos artigos vetados<sup>6</sup> uma nova elucidação<sup>7</sup> aparece no Decreto regulamentar nº 9.199/2017<sup>8</sup>; a isenção de taxas nos casos de insuficiência econômica<sup>9</sup>.

Um novo marco regulatório no País é um grande avanço. Contudo, a efetiva implementação só se dará mediante forte e persistente vigilância da sociedade civil organizada, dos próprios migrantes, dos órgãos de defesa de direitos, a fim de evitar que disposições emanadas pelos Ministérios e Órgãos com atribuições específicas na matéria cerceiem ou inviabilizem o efetivo acesso ao valioso conteúdo que a nova Lei de Migração contempla e garante.

<sup>3</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)

<sup>4</sup> "Art. 4º Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)" BRASIL. Lei n. 13.445/2017, publicada no Diário Oficial da União dia 25/maio/2017. Brasília, DF, 2018.

<sup>5</sup> "XIII - diálogo social na formulação, na execução e na avaliação de políticas migratórias e promoção da participação cidadã do migrante;" Art. 3º, XIII. BRASIL. Lei n. 13.445/2017. Brasília, DF, 2018.

<sup>6</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/Msg/VEP-163.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Msg/VEP-163.htm)

<sup>7</sup> "§ 5º Para fins de isenção de taxas para obtenção de documentos de regularização migratória, os menores desacompanhados, as vítimas de tráfico de pessoas e de trabalho escravo e as pessoas beneficiadas por autorização de residência por acolhida humanitária serão consideradas pertencentes a grupos vulneráveis." Art. 312º § 5º. BRASIL. Decreto n. 9.199, de 20 de novembro de 2017. Brasília, DF, 2018.

<sup>8</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm)

<sup>9</sup> "§ 3º Não serão cobradas taxas e emolumentos consulares pela concessão de vistos ou para a obtenção de documentos para regularização migratória aos integrantes de grupos vulneráveis e indivíduos em condição de hipossuficiência econômica." Art 113. Idem



## FAZ DE CONTA

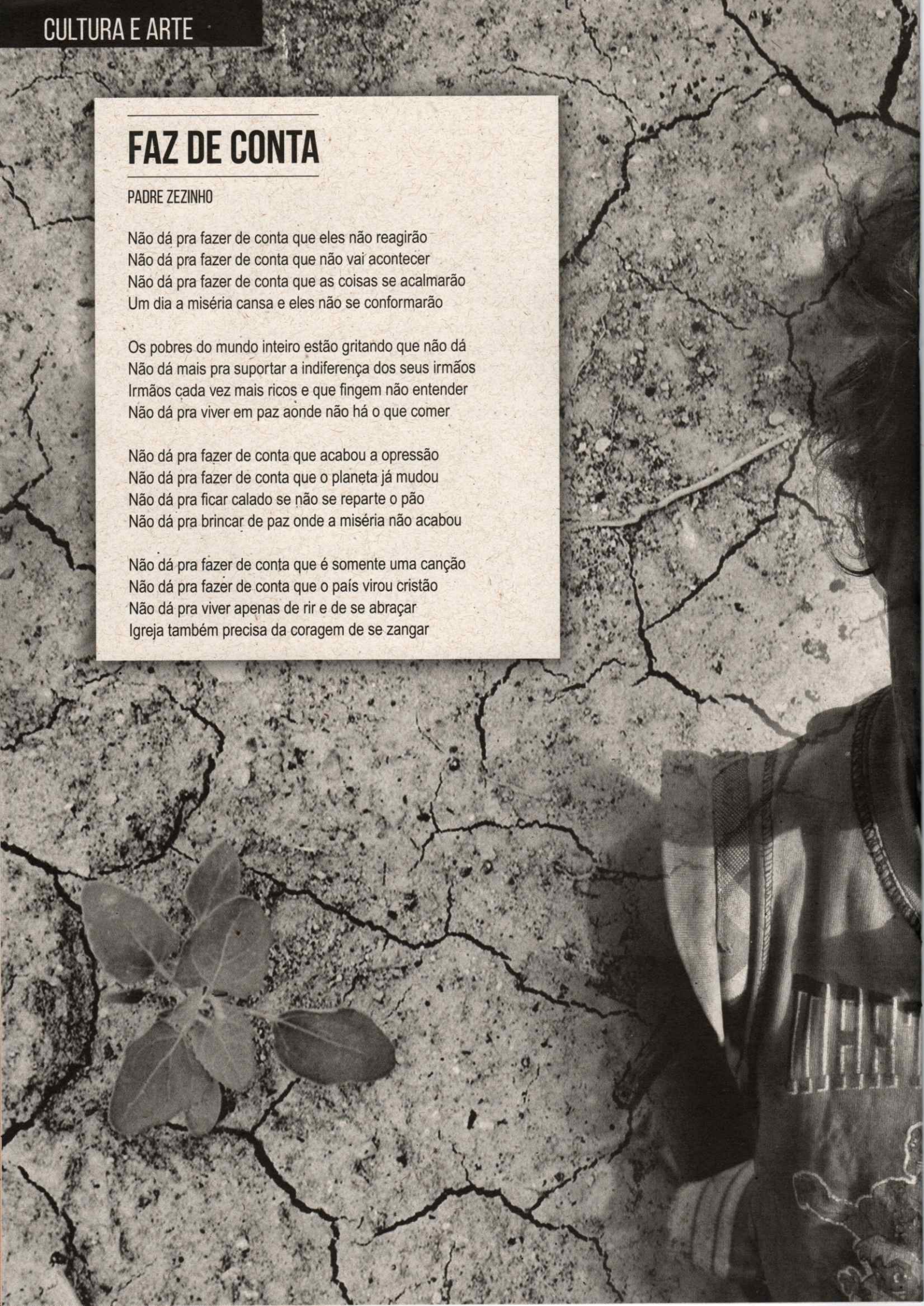
PADRE ZEZINHO

Não dá pra fazer de conta que eles não reagirão  
Não dá pra fazer de conta que não vai acontecer  
Não dá pra fazer de conta que as coisas se acalmarão  
Um dia a miséria cansa e eles não se conformarão

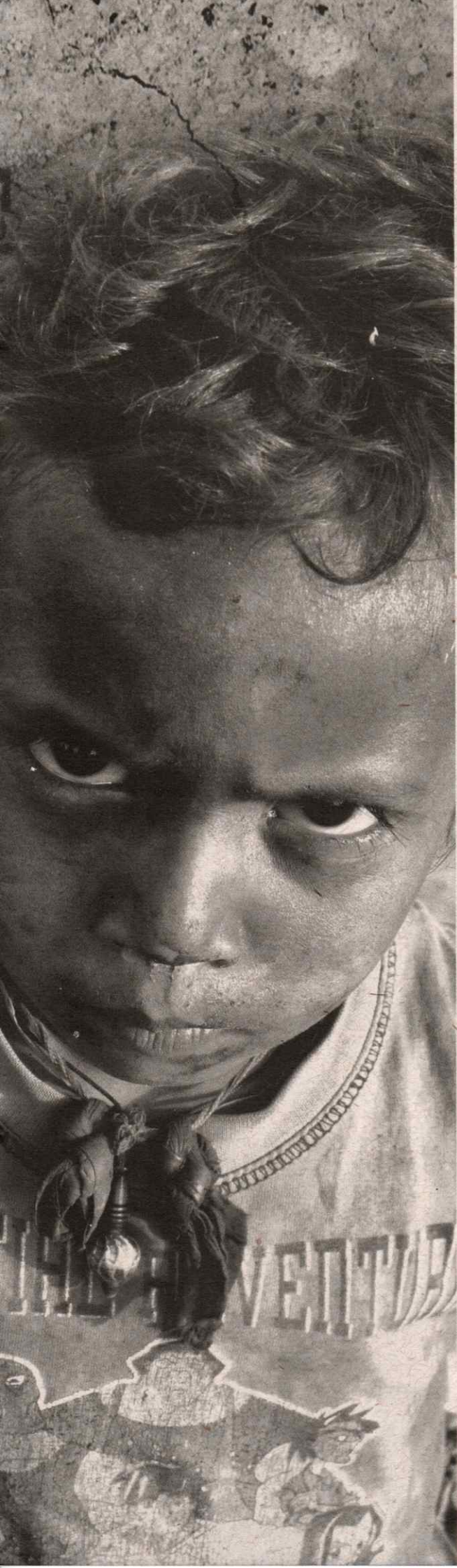
Os pobres do mundo inteiro estão gritando que não dá  
Não dá mais pra suportar a indiferença dos seus irmãos  
Irmãos cada vez mais ricos e que fingem não entender  
Não dá pra viver em paz aonde não há o que comer

Não dá pra fazer de conta que acabou a opressão  
Não dá pra fazer de conta que o planeta já mudou  
Não dá pra ficar calado se não se reparte o pão  
Não dá pra brincar de paz onde a miséria não acabou

Não dá pra fazer de conta que é somente uma canção  
Não dá pra fazer de conta que o país virou cristão  
Não dá pra viver apenas de rir e de se abraçar  
Igreja também precisa da coragem de se zangar







## ACONTECEU



24º Grito dos Excluídos em Brumado - BA  
Foto: [www.radionovavidafm.com.br](http://www.radionovavidafm.com.br)



8º Fórum Social Mundial das Migrações, Cidade do México.  
Foto: <https://www.facebook.com/FSMM2018>



Missa nordestina de São Francisco das Chagas, São Paulo - SP  
Foto: <https://franciscanos.org.br>



# BALAI



Segundo Trump, "os imigrantes representam um perigo à segurança nacional"

Uma das caravanas de imigrantes da América Central, saiu de Honduras no dia 12 de outubro de 2018, incorporou pessoas de países vizinhos, rumo à fronteira do México com Estados Unidos. Mais de 7 mil em terras mexicanas, elas são o grito por um mundo justo e sem muros.

Segundo a Organização Internacional para Migrações (OIM) - Agência das Nações Unidas para Migrações, o Brasil recebeu apenas 2% dos 2,3 milhões de venezuelanos que deixaram o país fugindo da crise.

Milhares de pessoas atingidas pelo crime da Samarco/Vale/BHP fizeram a marcha "Lama no Rio Doce: 3 anos de injustiça", entre os dias 4 e 14/11/2018, percorrendo os 650 km, no mesmo trajeto da lama contaminada, entre Mariana (MG) e Vitória (ES).

Em 2016, 40,3 milhões de pessoas no mundo foram submetidas a trabalhos em situações análogas à escravidão. No Brasil, em 2018, o presidente Temer cortou verba de combate ao trabalho escravo, afetando 369 mil pessoas. Sem fiscalização, a escravidão dos migrantes segue aumentando.

De janeiro a agosto de 2018, 61.517 migrantes utilizaram a passagem pelo Mediterrâneo para chegar à Europa. Destes, mais de 1.700 morreram na travessia.

Dados de 2017, publicados anualmente pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), constataam aumento em 14 dos 19 tipos de violência sistematizados; apropriação das terras indígenas é um dos principais vetores da violência.

"Migrar, Resistir, Construir, Transformar, vamos migrar todos, vamos migrar o sistema" (lema do VIII Fórum Social Mundial das Migrações, 2 a 4.11.2018, cidade do México)

Situações que afetam os trabalhadores do campo: Falta de Equipamento de Proteção adequado; Exposição às radiações solares; Exposição a fertilizantes e agrotóxicos; Acidentes com animais peçonhentos; Lesão por esforço repetitivo; Falta de saneamento básico adequado, entre outros.

**MISEREOR**  
IHR HILFSWERK

**PUENTES DE SOLIDARIDAD**